

11

**O Brasil na
arquibancada:
notas sobre
a sociabilidade
torcedora**

FLAVIO DE CAMPOS

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO

RESUMO

Este artigo oferece uma amostragem da pesquisa intitulada "O Brasil na Arquibancada", visando identificar elementos da sociabilidade torcedora dos seguidores das equipes que disputaram as séries B e C do Campeonato Brasileiro de 2012, até mesmo como contraponto aos comportamentos dos torcedores e condições gerais do espetáculo associados à organização da Copa do Mundo de 2014.

Palavras-chave: alianças torcedoras, identidade clubística, bifiliação clubística, torcedores de futebol.

ABSTRACT

This article provides a sampling of the research entitled "Brazil in the Stands", which aimed at identifying elements of sociability between supporters of the teams that competed in the 1st and 2nd division of the Brazilian National League of 2012, and which also served as a counterpoint to the crowd behavior and general conditions governing the events related to the organization of the 2014 Fifa World Cup.

Keywords: *alliances between supporter groups, club identity, club double affiliation, football supporters.*

M

MOVIMENTAÇÕES RECENTES EM TORNO DO FUTEBOL BRASILEIRO

Estamos há meses da realização da segunda Copa do Mundo sediada no Brasil, e a avalanche de informações quase diárias que nos capturam tenta manter a opinião pública próxima aos andamentos e preparativos daquele que é reconhecidamente o maior megaevento esportivo do planeta¹. Curiosamente as notícias sobre a Copa parecem rivalizar com o cotidiano esportivo nacional, que segue com seus campeonatos², mobilizando emoções parciais e locais e engendrando os dramas e as alegrias torcedoras ainda um tanto alheias ao espetáculo globalizado que se avizinha.

1 Alguns pontos de vista sobre megaevento podem ser consultados, por exemplo, em Poyter (2008), Soares & Vaz (2009), Mascarenhas (2009), Curi (2012), Proni (2012), Damo (2012), Toledo (2013).

2 O Campeonato Brasileiro de Futebol organizado pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) está dividido em quatro séries hierarquizadas. Esse sistema, calcado no mérito esportivo, faz com que muitos times circulem por essas séries, mas, obviamente, há todo um esforço em manter a elite clubística na série A, mais prestigiada, sobretudo pelos meios de comunicação, notadamente as televisões, que produzem com ela alianças políticas e econômicas que têm mantido o *status quo* do futebol profissional. O capital esportivo de cada clube varia conforme uma série de conjunturas, desequilibrando os desempenhos a cada certame, e nem sempre alguns dos atributos intangíveis mais estáveis, tais como tradição, preferência, tamanho e participação torcedora, conseguem estancar as instabilidades políticas e econômicas que determinam os desempenhos.

Nesta segunda Copa do Mundo – evento cada vez mais personificado na entidade esportiva que o viabiliza politicamente, a Fifa – reencontramos um Brasil social, político e economicamente mais complexo e robusto se comparado àquele que deixamos para trás na ocasião da primeira Copa aqui realizada. Promessa em 1950, o Brasil ostenta hoje, no âmbito internacional, o lugar mais alto entre as chamadas potências futebolísticas, em que pesem as estatísticas oficiais da Fifa e a ciranda que promove entre seleções em seu *ranking*.

Mas aquele mesmo país que flertava com a utopia civilizatória convertida em projeto modernizador celebrava na aventura da primeira Copa todo um clima cujo marco político e arquitetônico comparativo se daria logo em seguida com a monumentalidade de Brasília. A construção do Maracanã e a posterior inauguração de Brasília serviriam como palcos ou arquibancadas ruidosas de um nacionalismo que logo seria ressignificado pela ditadura, matizando seus propósitos, porém ciosa das conquistas esportivas internacionais a partir de 1958. As mudanças de regime político

FLAVIO DE CAMPOS é historiador, professor do Departamento de História da FFLCH-USP e coordenador científico do NAP/Ludens (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas).

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO é antropólogo, professor da pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), coordenador do LELuS (Laboratório de Estudos das Práticas Esportivas e Sociabilidade da UFSCar) e pesquisador integrante do Ludens.

não impediram que o futebol seguisse de perto e de dentro as formas assumidas pelo nacionalismo (desenvolvimentista num momento, autoritário num outro), onde muitas vezes fora instrumentalizado pelo Estado e frações de classe, mas que, certamente, prestou-se a desnudar algo desses Brasis mesmo nos momentos politicamente mais conturbados.

Hoje a segunda realização da Copa se vê diante de muitas outras arquibancadas – porque não dizer barricadas? –, agora erguidas não mais em nome de vertigens esportivas nacionalistas, porque a realidade plural e conflitante, ditada pelos dissensos políticos que reposicionaram a utopia esportiva no conjunto de signos mais contrastivos e menos ufanistas, toma conta do país. No entanto, há que se considerar que em 2007, no momento da ratificação do Brasil como sede da Copa, vivia-se a hegemonia do lulismo e os altíssimos índices de aprovação do governo petista e de seu líder máximo. A julgar pelo impacto das jornadas de junho de 2013, a popularidade dos mandatários municipais, estaduais e federais não será a mesma. A Copa hoje está muito longe de ser consensual em nossa sociedade.

Em meio aos processos de globalização, revoluções tecnológicas e protestos vindos de tantas demandas, o mundo hoje é capturado por novas dinâmicas de participação política e esportiva e, no âmbito do futebol, a Fifa reencontrou um Brasil mais cético, mais inquiridor pelas vozes e corpos táticos vindos das ruas, um Brasil aparentemente mais participativo, até mesmo em função das garantias constitucionais que mantêm as estruturas formais de representação desde o pós-ditadura, porém em franca ebulição em relação aos valores claudicantes que sustentam essa mesma moldura político-jurídica formal, que essencializamos e nomeamos por democracia.

Se tradicionalmente países mobilizavam suas forças políticas e econômicas, grupos empresariais e investidores, esferas pública e privada para viabilizarem suas candidaturas à Copa, a escolha do Brasil passou por costuras que fizeram desse ritual um momento quase que privado dentro da Fifa, sem a empolgação de outros tempos³.

Esse momento de escolha do país como anfitrião de outra Copa do Mundo se apresenta na forma de uma conjuntura oportuna para que as pesquisas acadêmicas

atentem, mais uma vez e com novas abordagens, para o fenômeno do futebol. Se em outros momentos a relação entre futebol e identidade nacional motivou pesquisadores de muitas searas acadêmicas, tais como antropólogos, sociólogos, historiadores, geógrafos, entre outros, a se debruçarem sobre o enigma da popularidade amealhada pelo futebol em território nacional, perscrutando as razões simbólicas, econômicas e políticas dessa paixão, agora nos vemos diante de outros desafios. E se o acúmulo de trabalhos anteriores foi em grande medida pautado por perguntas que giravam em torno do porquê e a despeito de tantas diversidades (políticas e culturais) sempre estivemos *juntos* pelo futebol, agora os novos tempos impõem um outro tipo de pergunta: por que estamos agora *separados* pelo futebol?

Fenômenos como a violência fora e dentro dos estádios, as mudanças nos padrões da sociabilidade torcedora, a presença do clubismo como dinâmica das rivalidades, as lutas pelo poder em federações e confederação esportivas, as negociações e arranjos políticos em torno de interesses específicos, a falta de democracia no interior dos regimes sucessórios de clubes e entidades esportivas, enfim, tudo reconduz os pesquisadores a repensarem a pauta acadêmica de estudos sobre o futebol em nome desses pluralismos e pontos de vista sobre o jogo.

O Brasil mudou, seu futebol também, as formas mais mecânicas do ufanismo recrudesceram em nome de outras demandas mais locais e plurais, e podemos arriscar que a relação futebol e nacionalidade passa por mudanças profundas. Que “país do futebol” sairá desse processo ainda não sabemos, mas certamente os mecanismos simbólicos e políticos que sempre garantiram enganosamente um automatismo para essa relação estão sendo revistos num outro redesenho de participação política e gestão das paixões pelos clubes e pela seleção nacional.

Atentar para esse movimento no interior da sociabilidade torcedora, atores anônimos que sempre estiveram destituídos de poder econômico e político dentro do arranjo desse futebol profissional, é o propósito maior deste projeto que ora apresentamos nos seus resultados parciais.

Não obstante, algum nacionalismo esportivo, ainda que crítico, poderá aflorar no andamento da Copa, sempre, claro, a depender do desempenho da seleção anfitriã, mas cabe às análises acadêmicas contemporâneas matizar o estatuto existencial desse torcedor, as razões simbólicas que o levam a reivindicar outros

3 Para uma análise cuidadosa desse processo de escolhas e produção do Brasil como o país-sede da Copa de 2014, consultar o texto de Arlei Damo (2012).

espaços dentro do gigantismo que se tornou a máquina esportiva capitaneada pela Fifa; as táticas e estratégias da sociabilidade torcedora diante do consumismo conspícuo que tenta aprisionar e disciplinar a paixão pelo esporte, enfim, cumpre apontar para novos caminhos que levam o futebol atualmente a separar, menos que mecanicamente unir, e descredenciar as essencializações que sempre ampararam as narrativas ao seu redor. De resto, tais transformações e inquietações podem ser benéficas porque colocam mais uma vez para os torcedores a possibilidade de escreverem outra história do futebol no Brasil, menos elitista, conformista e, quem sabe, menos compromissada pelos desmandos amontoados nas barricadas desses últimos tempos.

O BRASIL NA(S) ARQUIBANCADA(S)
“O Brasil na Arquivancada”⁴, se não é a única, certamente consiste numa pioneira aventura investigativa sobre esses Brasis que vivenciam os novos tempos de esportividade futebolística. Pesquisa iniciada em 2011 e levada a cabo durante todo o ano de 2012, cuja metodologia esteve abrigada em áreas como a história, a sociologia e a antropologia, revelou uma expressiva riqueza documental recolhida na forma de relatos, entrevistas por intermédio de métodos como a observação direta, observação participante, captação de imagens, sons e fotografias, tudo viabilizado pelo ambicioso leque de jogos assistidos pelas equipes de pesquisadores que saíram a percorrer longas distâncias pelo país afora a cobrir *in loco* 39 partidas de futebol da série B e outras 25 da série C. O conjunto de registros obtidos soma centenas de depoimentos e entrevistas, mais de 5 mil fotografias e cerca de 50 vídeos.

Empenhado por alunos de graduação, pesquisadores em nível de pós-graduação e professores doutores⁵, o esforço investigativo de “O Brasil na Arquivancada” trouxe à baila uma pluralidade de formas de torcer que iluminam as sombras deixadas pelos novos padrões que se impõem num momento em que a Fifa capitaneia de perto a organização do megaevento no país.

O “padrão Fifa”⁶ imposto como condição de viabilidade e sucesso mercadológico da Copa impacta as divisões inferiores do campeonato brasileiro de várias maneiras, assombrando certas tradições, contrapondo visões distintas de como fruir a paixão pelo futebol, mas também se posicionando como processo mais à margem

das demandas locais que equacionam a emoção esportiva a partir de outras demandas, tensionando identidades locais, regionais com a propalada identidade nacional.

Portanto, olhar para a maneira como se torce pelos times considerados de modo geral “pequenos” faz com que problematizemos a suposta homogeneização que os discursos vindos dos arautos da controversa modernização do futebol brasileiro apregoam. Nas dezesseis unidades da federação nas quais se desenrolaram os campeonatos das séries B e C de 2012⁷, campo privilegiado de investigação dessa primeira etapa do projeto “O Brasil na Arquivancada”, não encontramos necessariamente torcedores convertidos em consumidores⁸, arquivancadas remodeladas pelo padrão Fifa, sequer os ecos do adestramento corporal e moral imposto aos torcedores pela Lei Geral da Copa, que se fará notar com mais veemência no momento em que a bola rolar logo no primeiro jogo do grande certame mundial, que se iniciará a partir da cidade de São Paulo.

A decisão metodológica do projeto em escolher por objeto séries ditas “inferiores” resultou no esforço em desvelar as formas de torcer mais à margem

4 O projeto “O Brasil na Arquivancada” é coordenado pelos autores deste artigo.

5 A pesquisa coletiva do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens) foi financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da USP e realizada por José Carlos Marques, José Geraldo Vinci de Moraes, José Renato de Campos Araújo (docentes), Enrico Spaggiari, Giancarlo Marques Carraro Machado, Luciana Ferreira Angelo (doutorandos), Giovana Capucim e Silva, Marco Lourenço, Maria Fernanda Silva Pinto, Maykell Araújo Carvalho, Max Filipe Nigro Rocha, Nelson Alves Caetano, Thiago Rosa Machado, Thomas Machado Monteiro (mestrandos), Amanda Macedo Fernandes, André Strauch Feres, Breno Costa Macedo, Bruno Jeuken Souza, Daniela Landini Santos, Kaio César Pereira, Karolyne Fonseca Camargo, Lúcia Nogueira Esteves, Marcelo Ricci, Victor Sá Ramalho Antônio, William de Carvalho Contini (graduandos). Contou também com o imprescindível empenho logístico de Willian Maranhão, analista do Ludens.

6 Para uma análise sobre os impactos do padrão Fifa, consultar, por exemplo, Mascarenhas (2009), Proni (2012), entre outros.

7 O campeonato da série B de 2012 incluiu os seguintes times: ABC, América (RN), América (MG), ASA, Atlético Paranaense, Avaí, Boa Esporte, Bragantino, Ceará, CRB, Criciúma, Goiás, Grêmio Barueri, Guarani, Guaratinguetá, Ipatinga, Joinville, Paraná, São Caetano e Vitória. O campeonato da série C foi disputado pelas seguintes equipes: Águia, Brasiliense, Caxias, Chapecoense, Cuiabá, Duque de Caxias, Fortaleza, Guarany, Icasa, Luverdense, Macaé, Madureira, Oeste, Paysandu, Salgueiro, Santa Cruz, Santo André, Treze, Tupi e Vila Nova.

8 Para uma análise do processo de conversão dos torcedores em consumidores e seus desdobramentos táticos e políticos, ver Toledo (2012).

(mas não necessariamente opostas) da vitrine do futebol nacional, seu campeonato da série A⁹, porque menos inquiridas pelos olhos do poderio econômico que espetaculariza esse esporte, capturando, se não as antípodas do avassalador processo em torno do futebol profissional contemporâneo, ao menos os fenômenos mais adjacentes e midiaticamente mais deslocados desse campo esportivo. Se a conjuntura da Copa, já há alguns anos, faz com que as atenções se voltem para a elite do futebol nacional e internacional, focar tais séries do futebol profissional é perscrutar igualmente outras ruidosas arquibancadas, porém silenciadas pela mídia hegemônica, certamente atenta e ciosa de seus parceiros mais fiéis, os clubes da elite do futebol.

No lugar de focar o comportamento dos torcedores dos clubes da primeira divisão do futebol brasileiro, procurou-se resgatar a diversidade de torcedores de clubes pertencentes às séries B e C, em geral preteridos pela cobertura jornalística nacional, salvo quando algum grande clube do Sul-Sudeste disputa tais divisões. A rigor, no chamado futebol de elite da série A, não há um campeonato brasileiro, mas uma significativa concentração do capital futebolístico do país¹⁰.

TANTOS OUTROS BRASIS: IDENTIDADES LOCAIS, REGIONAIS, BIFILIAÇÕES CLUBÍSTICAS, FAMILISMO E FESTAS DO INTERIOR Tomemos a título de exemplo emblemático o time do Ceará¹¹

como um contraponto significativo de clube que gesta outras sociabilidades que impactam os coletivos torcedores e cujas demandas específicas se distanciam dos padrões Fifa ou modelos populares mais canônicos do torcer.

“Orgulho de ser nordestino”: esse é o lema de uma das torcidas organizadas do Ceará – a Cangaceiros Alvinegros – que retrata bem qual o sentimento dos torcedores desse clube, um dos mais expressivos do Nordeste. Há entre os torcedores aqueles que torcem apenas para o Ceará e aqueles que torcem por um time do Sudeste também. Estes são denominados de “torcedores mistos”, e que estamos definindo aqui como pertencentes ao campo da *bifiliação clubística*.

Em geral, a bifiliação clubística permite que torcedores se engajem aos times do Rio de Janeiro, sobretudo pela histórica projeção política e posteriormente midiática da então capital do Brasil, sendo o Flamengo o clube com maior presença no imaginário torcedor cearense. Dos clubes de São Paulo, que também ga-

nam presença diária nos grandes meios de comunicação, não surpreendentemente é o Corinthians o que tem mais torcedores no Ceará.

Contudo, no interior da Cangaceiros Alvinegros, sustenta-se a autoafirmação como nordestinos, rechaçando aqueles que deixam de torcer pelo time local para se apegarem aos clubes mais distantes. Vestindo chapéu de couro, tocando música regional e repudiando a bifiliação, a torcida Cangaceiros exalta o orgulho da nordestinidade. Fizeram, em junho de 2012, nos jogos pelo Campeonato Brasileiro da série B, um verdadeiro “arraiá” nas arquibancadas, autoafirmação de quem acredita participar da “torcida mais diferente do país”. Ao serem questionados como encaravam a bifiliação, um dos diretores da Cangaceiros foi enfático ao afirmar: “Você já viu algum paulista ou carioca torcer pra time do Nordeste? Então por que eu vou torcer pra time do Sul?”.

Nota-se como o regime de alteridade e a dinâmica das rivalidades, nesse caso, são fortemente projetados para fora e para longe, visando aos times ricos do Sudeste, sobretudo. Esse parece ser um mecanismo simbólico de projeção de identidades, que se comporta como se servisse de amortecedor nas rivalidades locais que, não deixando de estar presente (por exemplo, a grande rivalidade entre Ceará e Fortaleza), oferece um deslocamento importante na medida em que, somada à paixão clubística, temos a identidade regional, a nordestinidade como mecanismo simbólico de pro-

9 Há uma bibliografia que tentou capturar tais dinâmicas e que segue numa produção já há pelo menos duas décadas, por exemplo, Toledo (1996), Pimenta (1997), Damo (1998), Buarque de Holanda (2010), entre muitos outros trabalhos importantes sobre torcidas.

10 Apenas 9 estados da federação estavam representados no Campeonato Brasileiro de 2012 da série A: BA, GO, MG (2), PE (2), PR, RJ (4), RS (2), SC e SP (6). Na série B, o mesmo número de estados com uma outra distribuição: AL (2), BA, CE, GO, MG (3), RN (2), PR (2), SC (3), SP (5). Na série C, ainda em 2012, havia clubes de 12 estados disputando o campeonato: CE (3), DF, GO, MG, MT (2), PA (2), PB, PE (2), RJ (3), RS, SC, SP (2). A comparação com os dados dos campeonatos de 2011 e 2013 é também bastante reveladora. 2011 – série A: clubes de 9 estados e 14 equipes do Sul e Sudeste; série B: clubes de 11 estados e 11 equipes do Sul e Sudeste; série C: clubes de 14 estados e 9 equipes do Sul e Sudeste. 2013: série A: clubes de 9 estados e 15 equipes do Sul e Sudeste; série B: clubes de 10 estados e 12 equipes do Sul e Sudeste; série C: clubes de 15 estados e 8 equipes do Sul e Sudeste. Fonte: <http://www.cbf.com.br/>. Acesso em 20/set./2013.

11 Os dados aqui mencionados são provenientes do jogo Ceará 2 x 2 Criciúma, ocorrido em 6/7/2012, e foram coletados e sistematizados pelos pesquisadores de campo Breno Macedo e Bruno Jeuken Souza. Texto copidesado por Luiz Henrique de Toledo.



Torcida Cangaceiros Alvinegros, do Ceará Sporting Club, cujo lema é: "Orgulho de ser nordestino"

dução do futebol como festa ("um verdadeiro arraiaí") e menos como vazão política de algum nativismo, daí diferir de outras identidades regionais, tais como aquelas que se manifestam mais ao sul do país (Curitiba, Porto Alegre), visivelmente indexadas por políticas de estado, basta lembrar que hinos estaduais são tocados nas cerimônias oficiais que ocorrem antes dos jogos do "Brasileirão", antes mesmo do hino nacional.

BIFILIAÇÃO CLUBÍSTICA A bifiliação clubística é outro fenômeno muito presente entre os torcedores dos clubes "pequenos". Já foi mais comum em alguns contextos, como no Sudeste, sobretudo em regiões próximas aos grandes centros, portanto sedes dos grandes clubes da elite, ouvimos a expressão "vira-casaca" como categoria de acusação desferida para alguém que ousasse manifestar torcer por mais de um time.

Essa concepção mais psicologizada do torcer, fortemente presente entre torcedores dos grandes clubes, e que parece cobrar uma coerência psíquica torcedora (um indivíduo, um nome, portanto, um clube para torcer), é bastante relativizada entre torcedores dos chamados times "pequenos". Certamente não por faltar alguma coerência psíquica, mas sim porque corrobora inúmeras estratégias torcedoras que alocam mais de uma preferência clubística por razões sócio-históricas.

Tomemos primeiramente um exemplo que denota a transição da manifestação da bifiliação para a monofiliação entre torcedores do Caxias do Sul a partir de relato de pesquisa abaixo:

"Um passeio em um sábado cinzento por Chapecó, urbe conhecida pela forte economia agroindustrial, revelou muito sobre a Associação Chapecoense de Futebol, clube da cidade, evocado com carinho pelos moradores-torcedores que aguardavam a partida entre Chapecoense e Duque de Caxias, a ser disputada no dia 30 de setembro de 2012, válida pela 14ª rodada da série C do Campeonato Brasileiro. Diversas lojas de roupas vendem produtos relacionados ao clube. Bares exibem o escudo do time local pintado nas paredes. No entanto, tal símbolo sempre estava ao lado dos símbo-

los do Grêmio e do Internacional, clubes do estado vizinho, Rio Grande do Sul. Influência gaúcha na preferência dos moradores da cidade que os pesquisadores do Ludens observaram em diversas situações. Em uma ida ao supermercado, encontraram diversos produtos relacionados aos clubes gaúchos: cervejas, chocolates, vinhos, etc. traziam estampados as cores e os escudos nas embalagens. Gil, taxista camarada que transportou os pesquisadores ao estádio algumas horas antes do jogo, relatou que há alguns anos as cores prevalecentes nos jogos da Chapecoense eram o azul e o vermelho. Portanto, era bastante comum ir ao estádio com a camisa do Grêmio ou do Internacional, sobretudo na fase crítica que o clube vivenciou no início do novo milênio. Os recentes investimentos recebidos pela Chapecoense levaram a torcida a se mobilizar para reafirmar a preferência, única e exclusiva, pelo time da cidade, repudiando eventuais torcedores que fossem aos jogos fardados com camisas de times gaúchos¹².

Nota-se, nesse caso, que a bifiliação passa por uma transição, sendo relevante ressaltar a relação próxima estabelecida entre riqueza do clube, citada no texto como “recentes investimentos recebidos”, e monofiliação, a compor um mesmo feixe de significados que tenta estabilizar um novo *status* ao time, fazendo com que os torcedores se afastem da bifiliação e, portanto, dos grandes clubes da capital gaúcha. Ao que tudo indica, os torcedores do Caxias visam um modelo torcedor mais canônico e próximo da sociabilidade observada nos grandes centros.

Não obstante, podemos ainda tomar o fenômeno da bifiliação em muitos outros contextos, como acesso mais pluralizado de se experimentar o futebol e que parece presente entre torcedores dos times de menor tradição ou projeção nacional. Em tese, a bifiliação, às vezes trifiliação, pode ser tomada como fenômeno que tende a esvaziar as formas mais belicosas de torcer, dado o exercício contínuo da produção da diferença, que permite que torcedores elaborem seus cálculos de adesão clubística de modo mais relacional.

Em Marabá (PA) constatamos de maneira muito entusiasmada o fenômeno da bifiliação clubística. Embora haja recentemente resistências em relação a esse tipo de torcedor em diversas regiões do Norte e Nordeste, tal como vimos no exemplo do coletivo cearense Cangaceiros Alvinegros para o contexto do futebol cearense, isso não parece acontecer em Marabá. Dada a pouca profundidade histórica do clube, inverte-se ali

o regime da bifiliação, e é a camisa do Águia que se presta como segunda opção para cada um dos novos habitantes de Marabá, havendo, inclusive, torcedores com três camisas: por morar, por exemplo, em Recife, certa pessoa torcia pelo Santa Cruz, como segunda camisa tinha o Corinthians e, depois de ir para Marabá trabalhar, torcia também pelo Águia¹³.

Outro fenômeno presente em Marabá e que se coaduna com as dimensões desse futebol é o familismo. Fundada em 1998, a Toam é a principal torcida do Águia. Seu presidente é Maninho Giuseppe, filho de dona Fátima e sobrinho de Maria da Paz. Na casa de dona Fátima foi improvisada uma sede para a torcida, que contaminou irmãs, sobrinhos e netos, representantes de, pelo menos, três gerações da família. Fazendo jus ao nome da matrona, a Toam se cultiva como uma *torcida de família*, contrária a manifestações de violência, e acabou dando o tom às demais organizadas locais. Seus componentes são contrários ao estilo das torcidas jovens, e dizem que jamais mudarão para os padrões de estética das forças jovens para não incentivar a violência. A Toam ainda reforça a torcida de um outro time local, o Gavião Kyikatejê Futebol Clube, equipe indígena que disputa a segunda divisão do Campeonato Paraense. Da mesma forma, vários indígenas frequentam o estádio, e muitos torcem para o Águia. Há outra, denominada Torcida Fiel de Águia de Marabá, presidida por Netão e fundada em 2010, que também se define como uma torcida de família.

Entre os torcedores não organizados do Salgueiro Atlético Clube, em Pernambuco, a bifiliação é enfrentada com muita tranquilidade. De acordo com um dos relatos, “enquanto assistíamos ao Carcará estávamos ouvindo o jogo do Flamengo, nosso segundo time”¹⁴. Carcará, gavião do sertão, símbolo do clube, aparece

12 Dados recolhidos e etnografados pelos pesquisadores Tiago Rosa Machado e William Contini em 14 de outubro de 2012 por ocasião do jogo pela série C, que terminou em zero a zero, entre os times do Caxias do Sul e o Santo André. A etnografia foi copidescada pelo pesquisador Enrico Spaggiari.

13 Dados recolhidos e sistematizados pelos pesquisadores Breno Macedo e Bruno Jeuken por ocasião do jogo Águia de Marabá 1 x 0 Santa Cruz ocorrido em 28 de outubro de 2012. Texto copidescado por Luiz Henrique de Toledo.

14 Relato de torcedor colhido por Thomas Machado Monteiro, Amanda Macedo Fernandes e William de Carvalho Contini, por ocasião do jogo Salgueiro 0 x 0 Fortaleza ocorrido em 23 de setembro de 2012. Texto copidescado por José Geraldo Vinci de Moraes.

estampado nos instrumentos musicais e nas camisas dos integrantes da principal torcida organizada do Salgueiro, a Fúria do Sertão (a outra torcida é Torcida Jovem Comando Tricolor). Os integrantes da Fúria entrevistados afirmaram não torcer para nenhum outro time além do Salgueiro, condenando, levemente, os torcedores de duas camisas.

Apesar da denominação e do símbolo, a torcida apresenta-se como pacífica e refratária a práticas violentas. Diversos torcedores e torcedoras destacaram a forte presença feminina nas arquibancadas como um dos elementos a reforçar essa disposição torcedora “familiar”, que se opõe às práticas dos grandes clubes. Tudo indica, porém, que tais partidas têm um caráter social mais amplo, que ultrapassa a lógica do jogo, e está relacionado à importância do evento cultural para a comunidade.

No ABC de Natal, clube vinculado a questões geopolíticas desde sua fundação (o nome é uma alusão ao pacto de não agressão e arbitragem estabelecido entre Argentina, Brasil e Chile em 1915, ano de fundação do clube), a questão da identidade potiguar revela tratamento igualmente diplomático.

É atribuída ao ilustre Luís da Câmara Cascudo, intelectual de Natal, a frase: “Numa cidade chamada Natal, existe um povo chamado ABC”. Mesmo assim, foi possível identificar torcedores de outras agremiações nas arquibancadas do ABC e diversos foram os depoimentos declarando filiação ao Flamengo, Vasco, Corinthians, Palmeiras e São Paulo¹⁵.

Em Alagoas, foi na arquibancada do ASA de Arapiraca que se registraram mais ocorrências de dupla filiação clubística. Além de uniformes de clubes de São Paulo e Rio de Janeiro, camisas mistas, divididas ao meio, entre o ASA e outras agremiações¹⁶.

Até o momento de tabulação de dados, organização e revisão dos textos e análise das imagens de toda essa pesquisa, a arquibancada que aparece de maneira mais heterogênea é a do Luverdense, de Lucas do Rio Verde (MT), cidade fundada em 1988 (o clube, em 2004). Seus habitantes, migrantes de diversas partes do Brasil, mantêm as suas predileções clubísticas variadas. Alguns chegaram a confessar filiação a mais de uma agremiação, de estados diferentes, via de regra do Sul-Sudeste, numa forma muito singular de torcer¹⁷.

A bifiliação pode ainda trazer outras feições, sobretudo em cidades muito próximas aos grandes centros metropolitanos do Sudeste, onde se concentram os times mais nacionalizados do país. Tal fenômeno foi

identificado nas arquibancadas de clubes do interior de São Paulo (Oeste, Guaratinguetá e São Caetano) com a forte presença de uniformes de outros times e camisas também mistas.

O centenário time do Tupi FC (1912), de Juiz de Fora, cidade média de aproximadamente 500 mil habitantes da Zona da Mata mineira, é um exemplo de uma bifiliação estável e pouco suscetível pelas fronteiras regionais ou qualquer regionalismo culturalista que a colocaria dentro do circuito mineiro de futebol. Aqui as questões da identidade regional estão subsumidas pela proximidade de Juiz de Fora com uma cidade de outro estado, no caso, a cidade do Rio de Janeiro, sendo a ascendência dos clubes cariocas evidente, rivalizando com o clube local, como se nota no seguinte fragmento: “Contra os times do Rio, o Tupi tem 10% da torcida do estádio; outros 10% ficam neutros; o resto, 80%, torce pelos cariocas”. E arremata com uma estatística surpreendente: “O Tupi tem 1.150 torcedores. Quando aparecem 1.149, a gente sabe quem é o que faltou”¹⁸.

Mas a bifiliação pode ainda assumir outros contornos, e é importante que não a essencializemos como preferência clubística que administra a paixão igualmente por dois times. A economia dessa paixão é frequentemente relativizada pelos torcedores a produzir alguma hierarquia entre tais preferências, deixando, portanto, de ser uma apreciação reativa e estática a tal adesão. Tal desequilíbrio vai depender de uma série de fatores que colocam os times de preferência dentro de um regime instável. É o que se nota, por exemplo, no excerto abaixo, que traz a fala de um torcedor comum do Oeste (clube fundado em janeiro de 1921 com emblema e cores rubro-negras em reverência ao Clube

15 Relatos e dados etnografados por Maria Fernanda Silva Pinto e William de Carvalho Contini, por ocasião da partida ABC 0 x 1 Vitória ocorrida em 7 de julho de 2012. Texto copidescado por Flavio de Campos.

16 De acordo com os registros fotográficos e dados etnografados realizados por Thomas Machado Monteiro e Max Filipe Nigro Rocha, por ocasião das partidas ASA 3 x 1 ABC e ASA 3 x 1 Guaratinguetá ocorridas em 29/6 e 9/10, respectivamente.

17 De acordo com os registros fotográficos e dados etnografados realizados por Nelson Alves Caetano e Kaio César Pereira, por ocasião da partida Luverdense 1 x 0 Chapecoense ocorrida em 8 de novembro de 2012.

18 Relato de torcedor colhido pelo pesquisador José Carlos Marques, por ocasião do jogo Tupi e Vila Nova (GO) ocorrido no dia 29 de novembro de 2012 pela série C, em Juiz de Fora.

de Regatas do Flamengo), time da pequena cidade de Itápolis no interior paulista. Na sequência de um relato maior, destaca-se o cálculo hierárquico que o torcedor faz entre seus times de preferência, apontando claramente para uma adesão mais localista e comprometida com o “time da cidade”:

“Alguns degraus acima está o Sr. Geraldo. Permanece sozinho, em meio ao sol impiedoso, atrás do gol adversário. Diz que prefere ficar ali para acompanhar melhor o ataque do Oeste. Confessou ainda torcer para o Corinthians.

– E quando jogam os dois?

– Aí é fumo no Corinthians!”¹⁹.

A série C, mas não excluindo a série B, por ser aquela que logicamente estabelece o espaço competitivo que poderíamos definir como sendo um dos primeiros estágios do percurso de muitos times que almejam se estabilizar no cenário mais elitista do futebol nacional, é aquela onde se encontram alguns times de formação mais recente e que tiveram rápida projeção sem, contudo, manterem minimamente as condições de competitividade necessárias para a estabilização econômica mais autônoma. Geralmente são clubes patrocinados e empenhados por iniciativas privadas que, em alianças políticas com administrações municipais, prefeituras, associam possibilidades de rentabilidade econômica, prestígio e poder político numa retroalimentação que muitas vezes ocorre à revelia da formação lenta de uma comunidade moral de torcedores ao seu redor.

A bifiliação, nesse caso, se manifesta quando moradores dessas cidades nutrem alguma simpatia pelo time que desponta, mas nem sempre tal iniciativa mantém-se estável, dadas as instabilidades políticas que amparam tais projetos, que ficam quase sempre à deriva das instabilidades e dinâmicas políticas na formação de um clube para a cidade. Times que frequentam as séries B e C, como Barueri, mas também São Caetano, Santo André, Ipatinga, são exemplos dessa dinâmica de carência de representação torcedora²⁰.

Aí também são verificados fenômenos próximos à bifiliação, mas com nítida hierarquização a favor dos clubes mais tradicionais. O exemplo do time da “cidade do aço”, cujo nome também é Ipatinga, parece radicalizar um maior descomprometimento clubístico de manifestação da bifiliação, tal como aponta o relato abaixo:

“Enquanto muitas torcidas se caracterizam por certa homogeneidade em relação às camisas e as suas respectivas cores, o pequeno público no Estádio Lamegåo não era caracterizado pelas cores referentes ao Ipatinga (conhecido como ‘Quadricolor de Aço’, em função do verde, vermelho, branco e azul que o simbolizava). Prova disso é que a maioria se vestia com roupas comuns, sem nenhuma identificação com times de futebol. Não obstante, também era perceptível a presença de pessoas com camisas de times da série A, como Cruzeiro, Atlético Mineiro, Fluminense, Flamengo, Corinthians e São Paulo. Não havia nenhum incômodo em usá-las naquela ocasião, visto que o Ipatinga era encarado como o segundo time da preferência de muitos dos presentes”²¹.

Portanto, não esgotando os matizes que alimentam a bifiliação, nota-se que se trata de um fenômeno bastante espreado pelo futebol profissional e revela um leque diverso de possibilidades e maneiras de fruir o futebol, reposicionando tanto a figura do torcedor quanto os essencialismos que nutrem determinadas posições estanques presentes entre os próprios torcedores, mas também em vários discursos da mídia, da polícia, que tomam os projetos coletivos de adesão clubística sem levar em consideração esses processos de adesão que estão em permanente movimento pelas séries e, no todo, pela história do futebol.

Atentar para o fenômeno da bifiliação clubística, e também para os fenômenos que a amparam, tais como os regionalismos, o familismo, a representação política e o comprometimento local do torcer mais

19 No dia 27 de outubro de 2012 jogou Oeste e Madureira pela série C. O texto citado é do pesquisador José Carlos Marques.

20 O Ipatinga é um desses exemplos mais dramáticos de instabilidade institucional: “Criado em 1998 em uma cidade de mesmo nome, o Ipatinga Futebol Clube não tardou a ganhar visibilidade ao nível nacional. Em pouco tempo conquistou o título de campeão mineiro (em 2005, superando Cruzeiro e Atlético Mineiro), chegou às semifinais da Copa do Brasil do ano 2006 (após derrotar clubes como Santos e Botafogo), e também participou da série A do Campeonato Brasileiro na temporada de 2008. Todavia, a rápida ascensão do Ipatinga cedeu lugar a uma fase de decadência na mesma proporção. Em apenas duas temporadas o clube foi da série A para série C do Campeonato Brasileiro, além de ter sido rebaixado para o módulo II do Campeonato Mineiro”, conforme relato do pesquisador Giancarlo Machado, que etnografou o jogo entre Ipatinga e CRB pela série B no dia 27 de outubro de 2012.

21 Relato do pesquisador Giancarlo Machado, citado.

para a cidade do que propriamente para um time, enfim, pode trazer uma visada mais perspectivante para as análises sobre o comportamento torcedor. Posicionar a violência em perspectiva a partir das séries A, B e C, mostrando que modelos canônicos, como o das torcidas organizadas, têm a ver com processos mais abrangentes de urbanização, de estabilidade política dos grandes clubes, que se agigantaram, com as dinâmicas da mono e bifiliação clubística, é colocá-la na chave processual dessas transformações. Outros modelos do torcer aparecem pelo Brasil em função desses deslocamentos que, em princípio, são ordenados pelo mérito esportivo, mas que produzem formas inventivas de torcer que não necessariamente estão compromissadas com a carência, com a falta, com o esvaziamento simbólico da dimensão lúdica em favor das transgressões, embora a institucionalização desigual do futebol se faça sentir de maneira profunda ao se comparar as séries, haja vista os investimentos que a televisão faz e que nitidamente aprofundam os abismos entre elas.

Riqueza mal distribuída, cultura urbana ditada por espaços segregados e domínio elitista do arranjo institucional do futebol, agregados à grande mídia e ao Estado com a ostensiva presença militar, formam o feixe de eventos que produzem a violência como linguagem franca, reverberando na sociabilidade torcedora. Pelos Brasis afora encontramos outros fenômenos, tais como os regionalismos, as festas, a bifiliação a deslocar os mecanismos de participação dentro do futebol e que parecem amortizar as transgressões como forma hegemônica de sociabilidade legitimada entre torcedores.

U M MODELO EM PERSPECTIVA: AS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL Nas sociabilidades observadas em algumas das partidas assistidas pelas equipes de pesquisadores, fenômenos tão presentes na dinâmica esportiva brasileira, tais como a violência e a transgressão torcedora, puderam ser etnografados à luz de certos deslocamentos simbólicos importantes. Chamamos a atenção para os fenômenos transgressivos porque eles compõem na forma da linguagem verbal e corporal um dos domínios mais decisivos da sociabilidade torcedora contemporânea a ganhar visibilidade midiática.

O comprometimento dos torcedores com a sociabilidade transgressora, tema controverso que reiterada-

mente ocupa as páginas da imprensa esportiva e editoriais policiais, longe de ter sido esgotado pelas análises acadêmicas²², pode ser agora melhor perspectivado na medida em que tem sido comum identificá-lo no interior das práticas das chamadas torcidas organizadas (doravante, TOs). E se tal modelo, sobretudo sua variante denominada torcidas jovens, se propaga como recurso discursivo e tático de atuação torcedora por outras séries do futebol, está longe, no entanto, de se tornar um modelo único de reivindicação lúdica ou dramática de enfrentamento político de parte dos torcedores.

É comum a mídia contrapor as formas individualizadas de torcer, cada vez mais identificadas com a noção consumista que sustenta o código do torcedor, alma gêmea do código do consumidor, às coletividades em torno das TOs como se tivéssemos somente esses dois polos de atuação torcedora. E rechaçando as apropriações transgressoras realizadas pelas TOs, o senso comum midiático impõe o argumento de que a violência estaria somente circunscrita nesses coletivos em contraposição à paz reinante do outro lado, na atitude atomizada, pacífica e economicamente compromissada dos consumidores torcedores. Outras formas de violência, notadamente as institucionais, parelham com as transgressões torcedoras, mas a diferença é que são continuamente amortizadas pelos caminhos tortuosos do aparato político e jurídico elitista presente no país.

Tal polaridade enganosa nubla uma hipótese que poderia ser enunciada ao se observar de perto e de dentro o comportamento dos torcedores dos chamados times “pequenos” presentes nas séries B e C na medida em que descortinam todo o processo no qual as TOs são quase que tomadas como protagonistas solitárias dessa violência. Torcidas organizadas são um fenômeno que nasceu no interior dos campeonatos dos clubes da elite, tendo produzido alianças importantes com dirigentes esportivos na mesma medida em que muitas delas se emanciparam ou se autonomizaram, mas de qualquer forma jogando dentro de um mesmo campo semântico de visibilidade e poder.

Em termos estéticos passaram a ditar as formas do torcer com inúmeros elementos de forte impacto visual e sonoro, tais como faixas, bandeiras de grandes dimensões, instrumentos percussivos, agregando impor-

22 O tema da violência esportiva centrada nos torcedores rendeu inúmeros trabalhos acadêmicos desde a segunda metade dos anos 1990, como já indicado na nota 9.



Mensagem estampada em camisa de torcedor do Ceará critica a transmissão dos jogos de times de fora do Nordeste em detrimento dos jogos locais

tantes frações jovens contendoras vindas das inúmeras experiências próprias das camadas juvenis. Embora se apresentem como contraponto discursivo e tático frente aos dirigentes e demais atores que organizam esse futebol, a cultura autoritária que emana dessas frações torcedoras interage com os dirigentes dos clubes de elite, que muitas vezes demandam as atuações desses torcedores paradoxalmente vistos como atores fora desse mesmo arranjo institucional que o gestou.

Pudemos perceber, pelas arquibancadas de tantos outros Brasis menos espetaculares e glamorosos, que, à medida que o futebol se afasta desse modelo hegemônico encarnado nessa fração mais prestigiada que é a série A (e demais campeonatos onde a frequência de seus clubes é mais assídua), o modelo das TOs, naquilo que diz respeito às formas de sociabilidade pautadas nas transgressões, ganha contrastividades importantes.

Poderíamos formular sinteticamente a hipótese do seguinte modo: quanto mais ricos os clubes de futebol, mais próximos estão dos coletivos torcedores que seguem o modelo canônico das TOs, com nuances aqui e acolá. É como se riqueza e violência, no futebol, pudessem ser bons indicadores do movimento que fazem os clubes na dinâmica política e meritocrática dos acessos e descensos pelas séries.

Não estamos aqui afirmando que os times considerados pequenos ou que estão localizados nos rincões do país e que participam das séries inferiores do Campeonato Brasileiro produzem somente torcedores dóceis e uma sociabilidade positivada do ponto de vista da fruição esportiva, ou ainda que os torcedores de tais times não reproduzem o modelo das TOs como forma política de reivindicar, torcer e perceber o domínio do futebol.

As transgressões no futebol existem e partem tanto de atitudes individuais, entreveros alimentados pela paixão e por interesses outros, quanto pelas coletividades torcedoras, seja qual for o modelo que possam assumir, TOs ou outros arranjos. Mas o que importa observar neste momento é que uma modalidade mais

sistemática e beligerante de torcer coletivamente parece mais compromissada com dinâmicas presentes entre os times considerados “grandes” ou times que frequentam a série A e que conseqüentemente formam o conjunto daqueles que participam dos campeonatos mais prestigiados econômica, política e simbolicamente no complexo do futebol brasileiro.

Portanto, não é tanto a transgressão em ato (brigas, enfrentamentos físicos, uso de armas de fogo, consumo de drogas, intolerância entre torcedores contrários) que deve ser isolada para efeitos de uma análise sobre o comportamento torcedor em termos sócio-históricos. Deve-se, sim, observar que há uma somatória de vetores que levam a esses atos e que podem estar relacionados à forte espetacularização que assumiu o futebol na sua expressão máxima de poder e potência competitiva encapsulada na série A. Somente contrastando às formas de sociabilidade presentes nas outras séries é que podemos perspectivar o fenômeno da transgressão no futebol para melhor qualificá-lo, pois não se briga da mesma maneira, não se xingam os mesmos desafetos, não se demandam pelas mesmas expectativas e ambições.

Também não estamos afirmando, até por nos faltarem dados estatísticos, que a série A é mais beligerante que as outras séries (embora a visibilidade midiática das mortes aí ocorridas entre torcedores chegue mais frequentemente até a opinião pública nacional), mas podemos indicar que formas coletivas alternativas de torcer frente ao modelo das TOs aparecem com saliência nas experiências torcedoras das outras séries e que não reproduzem fielmente tal modelo.

Experiências que não passam pelas atitudes reativas e monotemáticas que observamos entre torcedores dos grandes clubes dos principais centros irradiadores do modelo, sobretudo as metrópoles, palcos da memória dos enfrentamentos e espaços da presença ostensiva da polícia e da mídia, que retroalimentam a violência como fenômeno distintivo desses aglomerados urbanos com mais polícia e mais cobertura midiática, transformando-a numa linguagem franca de uma sociabilidade urbana igualmente desigual e violenta.

Mas nas séries B e C encontramos também práticas que valorizam outras identidades para além da adesão torcedora monotemática, tais como identidades locais, regionais, bifiliações clubísticas, familismos esportivos, que alimentam outras formas de torcer certamente menos espetaculares do ponto de vista da produção da notícia, mas que sustentam outras per-

cepções sobre o futebol e outras formas de conflito e transgressão.

À medida que a pesquisa foi revelando práticas torcedoras (transgressoras ou não) de outras paisagens do futebol profissional, pudemos divisar melhor o arranjo do futebol em sua versão elitista, o da série A, em contraste ao conjunto menos homogêneo observado nas outras séries. Metodologicamente podemos aproximar muitos dos propósitos aparentemente díspares presentes nessa dinâmica que compõe esse futebol dos grandes clubes: os dirigentes politicamente mais poderosos, a grande mídia esportiva, que em parte os prestigia, as grandes torcidas organizadas, os aparelhos do Estado, que reprimem a violência no futebol, enfim, atores diretamente comprometidos com o futebol-espetáculo patrocinado por entidades como a Fifa.

Sendo assim, o modelo das TOs acaba reproduzindo

“[...] todos os sucessos e fracassos das formas institucionalizadas do fruir o futebol mais comprometido com a produção da espetacularização: [...] burocracias, hierarquias, lógicas de distinção, comprometimentos políticos com projetos coletivos frutos de alianças com dirigentes, polícia militar, mídia, violência instrumental e simbólica, grande circulação de capital e investimentos” (Toledo, 2012, p. 47).

RIVALIDADES E ALIANÇAS: VIOLÊNCIAS E FORMAS ALTERNATIVAS DE TORCER

Como se sabe, nas últimas duas décadas disseminou-se uma corrente de alianças entre as torcidas organizadas que entrelaça clubes das séries A, B e C. Um dos objetivos desta pesquisa é identificar e mapear com clareza tais alianças, muitas vezes contraditórias.

De qualquer modo, vale lembrar que o termo “rivalidade” provém do latim *rivales/rivalis*: “concorrentes” e/ou “aqueles que dividem as águas de um mesmo rio”. Assim, evidentemente, maior é a rivalidade quanto maior é a proximidade espaço-temporal entre as agremiações. Partamos desse ponto.

Goiânia, cidade que abriga times que frequentam de modo instável a série A, é um desses exemplos dramáticos em que o modelo das TOs se faz presente num contexto urbano de vulnerabilidade social e de intensa rivalidade entre clubes locais. O Vila Nova é tradicionalmente representado como o clube das camadas populares, localizadas na margem direita do córrego

Botafogo, e o Goiás é representante da região mais desenvolvida da cidade, situada na margem esquerda. “Classificada pela ONU, em 2010, como a décima cidade mais desigual do planeta, e a primeira da lista entre as capitais brasileiras, Goiânia observou a violência e a criminalidade despontarem como problemas e temas comuns dos debates da cidade. As complexas tramas sociais de Goiânia, pautadas, sobretudo, na exclusão social, são absorvidas nas experiências de vida dos torcedores dos clubes e acabam por acirrar ainda mais as rivalidades. A cidade observou diversos e rotineiros enfrentamentos que levaram, por conseguinte, a um aumento da militarização e endurecimento das abordagens policiais nos contextos futebolísticos e citadinos”²³.

Em Goiás, a violenta rivalidade entre a Força Jovem do Goiás, que sustenta possuir 13 mil filiados (aliada da Mancha Verde e da TUP, Inferno Coral do Santa Cruz, Força Jovem do Vasco e Galoucura), e as torcidas Esquadrão Vilanovense e a Sangue Colorado, do Vila Nova, tem transformado o futebol num dos maiores focos de conflitos entre torcedores no Brasil. Desde maio do ano passado, onze pessoas foram assassinadas em incidentes ligados à rivalidade no futebol. Ao contrário de outros centros, onde o calendário da violência geralmente segue o esportivo, concentrando as brigas e as mortes apenas nos dias de clássicos, o cenário de Goiânia estabelece uma quebra desse padrão. Há registros de seis mortes desse tipo fora das datas esportivas.

Como seria de esperar, na arquibancada do Ceará, a alteridade é constituída pelos torcedores do Fortaleza. Há um canto motivador, para que os torcedores pulem e saiam do chão que diz: “Quem tá parado é viado ou tricolor”, e outro: “Quem tá parado é filiado ao tricolor,” e continuam os xingamentos.

É interessante notar que o sentimento de “nordestinidade”, que rejeita a presença de uniformes de clubes do Sul/Sudeste, é atenuado pelas alianças estabelecidas pelas organizadas. É possível encontrar torcedores vestidos com camisetas de organizadas do Palmeiras, Vasco da Gama, Avaí, ABC e Paysandu.

Os graves conflitos das organizadas do Ceará e Paysandu com a Leões, a TUF e a Jovem Garra Tricolor, que culminaram em assassinatos, transformaram os estádios e cidades do Norte e Nordeste em espaços de enfrentamentos semelhantes aos que ocorrem nas cidades do Sul e Sudeste desde o início dos anos 80²⁴.

Em Natal, a Garra Alvinegra – uma continuidade

da Gangue Alvinegra, proibida pela justiça – apresenta-se mais agressiva, acionando o repertório da violência e das alianças (Independente e Cearamor do Ceará; Comando Vermelho do CRB-AL; Jovem Fanático), em geral embalados pelo ritmo do funk, como elementos diferenciadores entre as demais torcidas do ABC, sobretudo a Camisa 12, que optou por não estabelecer alianças com outras torcidas.

A autodefinição das torcidas dos dois principais clubes de Natal tenta ser representada pela polarização de ricos e pobres. O América (Máfia Vermelha) seria a agremiação da elite, e o ABC, a agremiação popular, num modelo que se repete em diversas partes do país²⁵.

Em Alagoas a situação tornou-se mais complexa. Inicialmente, seguindo polarização semelhante, o Comando Alvi-rubro (originalmente chamado de “Comando Vermelho”, que teve de alterar seu nome em 2006, após intervenção do Ministério Público, por utilizar a mesma denominação da facção criminosa do Rio de Janeiro) tinha com a Mancha Azul, principal torcida do Centro Sportivo Alagoano (CSA), sua principal rivalidade. No imaginário construído, o CRB seria o clube representante da elite enquanto o CSA, o clube das camadas populares.

Recentemente, a Mancha Negra, de Arapiraca, no interior do estado, entrou no circuito de rivalidades, tornando-se aliada da Mancha Azul e rival da Comando.

Durante o campeonato alagoano de 2012, a rivalidade em Alagoas chegou a um limite histórico em termos de violência. Após brigas entre torcidas rivais na capital e em Arapiraca resultarem em algumas mortes, o Ministério Público passou a forçar o cadastramento de todos os membros de torcidas organizadas do estado²⁶.

A divisão em Maceió define-se também em termos territoriais. As torcidas possuem determinados bairros que são de seu “comando”, como é o bairro

23 Amanda Macedo Fernandes, William Contini, Max Filipe Nigro Rocha e Enrico Spaggiari etnografaram dois jogos na cidade de Goiânia, a saber, Goiás x Avaí, no dia 21 de julho de 2012, e Goiás 2 x 0 Boa Esporte, no dia 11 de agosto de 2012, às 16h20. Texto copidescado por Enrico Spaggiari.

24 Dados etnografados por Breno Macedo e Bruno Jeuken Souza, citados.

25 Dados etnografados por Breno Macedo e Bruno Jeuken Souza, citados.

26 Dados etnografados por Thomas Machado Monteiro e Amanda Macedo Fernandes, citados.

da Pajuçara, por exemplo, para a torcida do CRB, o que inibe pessoas de trajarem uniformes do CSA ou do ASA (ou de suas respectivas torcidas). O bairro do Mutange, por outro lado, é de comando da Mancha Azul. A prática do zoneamento parece, portanto, ser emulada informalmente pelas torcidas organizadas, no sentido de uma divisão espacial agregar também uma tentativa de divisão identitária²⁷.

De qualquer modo, uma curiosa e perversa divisão espacial é também estampada no Estádio Municipal Rei Pelé, onde o CRB mandou seu jogos em 2012. Uma parte dos torcedores ocupa um setor coberto, com cadeiras numeradas. As torcidas organizadas ocupam o setor diametralmente oposto. Os dois setores são acessíveis com o mesmo ingresso. Logo antes de o jogo começar, o setor em que se encontram as torcidas organizadas é trancado por portões de ferro. Cativas e cativeiros fazem parte do binômio que se representa em Maceió.

Uma forma de organização que procura evitar a violência é representada pelas torcidas *faces*, identificáveis em outros lugares do Brasil (várias torcidas *gays* surgidas e restritas, até o momento, ao espaço do Facebook, por exemplo).

Trata-se de grupos de discussão pela Internet que acabaram extravasando as fronteiras do mundo virtual e começaram a se reunir fisicamente nas partidas dos seus respectivos times. Durante a pesquisa de campo, foi estabelecido contato com a Galoface (do CRB, de 2009) e com a FaceASA (do ASA de Arapiraca, de 2011).

As torcidas *face* não cantam, em momento nenhum do jogo, músicas alusivas a si mesmas como organização, nem incitam as rivalidades. Além disso, pregam alianças com as torcidas de todos os clubes, mesmo com a de seus rivais históricos. Seu caráter ideológico como organização, acima discutido, pode ser descrito como de uma função normativa frente ao restante da torcida e, por isso, sua presença é um contraponto extremamente interessante para se pensar as outras representações na arquibancada. Algo que já aparece em outras torcidas, como a Resistência Coral, do Ferroviário de Fortaleza, cujo *slogan* é: “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”.

Na arquibancada do Vitória, a despeito da rejeição à bifiliação clubística, a aliança de torcidas permite a articulação, entre Os Imbatíveis, de torcedores do São Paulo (Dragões da Real e Independente); Torcida Jovem, do Sport; Raça Rubro-Negra; Máfia Azul e Camisa 12 (Inter). A Viloucura, por sua vez, mantém

alianças mais fortes com a Dragões e a Jovem, do Sport.

Por fim, um rápido comentário a respeito da localização do Barradão, o Estádio Manoel Barradas. Situa-se no bairro Canabrava, antigo lixão de Salvador, ocupado pela população pobre e marcado por duas significativas presenças: o estádio, de um clube que é considerado de elite comparado ao popular Bahia, e o presídio Lemos de Brito, situado no alto de uma encosta de onde se pode visualizar o Barradão e os caminhos que levam até a praça futebolística. Paradoxos da Bahia e do Brasil.

Tal percurso permite vivenciar algumas experiências únicas. O odor do chorume, que ainda contamina o ambiente. A travessia pelo interior de uma comunidade/favela que se transforma em prestadora de serviços (alimentos, bebidas, drogas, estacionamento e uniformes do Vitória) nos dias de jogo e que, também nesses dias, estabelece uma espécie de trégua social com os torcedores, ditos de elite, e com pesquisadores, como nós, que pudemos registrar, com máquinas fotográficas e filmadoras, o cenário e o cortejo festivo dos torcedores. Não sem escutar a inquestionável observação, mais de uma vez: “Aproveita para usar a câmera, bacana, porque hoje é dia de jogo!”²⁸.

27 A forma de organização por comandos também apareceu entre Os Imbatíveis, torcida organizada do Vitória, dividida em 29 regiões/bairros da Grande Salvador, e na Torcida Esquadrão Vilanovense, com 51 divisões. A organização mobilizadora por comandos é um fenômeno recorrente em torcidas de diversos clubes das séries A, B e C.

28 Dados etnografados por Flavio de Campos por ocasião das partidas Vitória 2 x 0 Avaí e Vitória 1 x 1 Ceará, ocorridas, respectivamente, em 30 de junho e 24 de novembro de 2012.

BIBLIOGRAFIA

- BUARQUE DE HOLANDA, B. *O Clube como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro, Sete Letras, Faperj, 2010.
- BROMBERGER, C. *Football, la Bagatelle la plus Sérieuse du Monde*. Paris, Bayard, 1988.
- CLELAND, Jamie. "From Passive to Active: the Changing Relationships Supporters and Football Clubs", in *Soccer & Society*, 11:5, 2010, pp. 537-52.
- CURI, Martin. *Espaços da Emoção: Arquitetura Futebolística, Torcidas e Segurança Pública*. Tese de doutorado. Niterói, Programa de Pós-graduação em Antropologia – UFF, 2012.
- DACOSTA, Lamartine; MIRAGAYA, Ana. "Estado da Arte do Conhecimento sobre Legados de Megaeventos Esportivos no Exterior e no Brasil", in Lamartine DaCosta, Dirce Corrêa, Elaine Rizzuti, Bernardo Villano e Ana Miragaya (orgs.). *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília, Ministério do Esporte, 2008.
- DAMO, Arlei. "O Desejo, o Direito e o Dever – a Trama que Trouxe a Copa ao Brasil", in *Movimento*, v. 18, n. 2. Porto Alegre, 2012, pp. 41-81.
- DOSSIÊ do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. *Megaeventos e Violações de Direitos Humanos no Rio de Janeiro*. Disponível em: www.apublica.org, 2011.
- GUEDES, S. G. "Futebol e Identidade Nacional: Reflexões sobre o Brasil", in Mary Del Piori; Victor Andrade de Melo (orgs.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo, Editora da Unesp, 2009.
- HANNERZ, Ulf. "Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras-chave da Antropologia Transnacional", in *Mana*, v. 3, n. 1. Rio de Janeiro, 1997, pp. 7-39.
- MASCARENHAS, Gilmar. "Globalização e Espetáculo: o Brasil dos Megaeventos Esportivos", in Mary Del Piori; V. Andrade de Melo (orgs.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo, Editora da Unesp, 2009.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol, Violência e Autoafirmação*. Taubaté, Vogal, 1997.
- POYTER, Gavin. "Regeneração Urbana e Legado Olímpico de Londres 2012", in Lamartine DaCosta, Dirce Corrêa, Elaine Rizzuti, Bernardo Villano e Ana Miragaya (orgs.). *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília, Ministério do Esporte, 2008.
- PRONI, Marcelo Weishaupt; SILVA, Leonardo Oliveira da. "Impactos Econômicos da Copa do Mundo de 2014: Projeções Superestimadas", in *Texto para Discussão* n. 211 (download do site ludopedio.com.br). Campinas, 2012.
- SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; VAZ, Alexandre Fernandez. "Esporte, Globalização e Negócios: o Brasil dos Dias de Hoje", in Mary Del Piori; V. Andrade de Melo (orgs.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo, Editora da Unesp, 2009.
- TOLEDO, Luiz Henrique. "Políticas da Corporalidade: Socialidade Torcedora entre 1990-2010", in L. H. Toledo; J. Malaia; B. Buarque de Holanda; V. Andrade de Melo (orgs.). *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro, Sete Letras, 2012.
- _____. "Torcedor, Torcedores: Memórias do Jogo e do Antijogo", in José Carlos Marques; Jefferson Oliveira Goulart (orgs.). *Futebol, Comunicação e Cultura*. São Paulo, Intercom, 2012b.
- _____. "Quase Lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os Impactos de um Megaevento na Socialidade Torcedora", in *Horizontes Antropológicos (Megaeventos)*, n. 40. Porto Alegre, 2013.